



MÍDIA E CONTEMPORANEIDADE

MARTA MARIA AZEVEDO QUEIROZ
NILSÂNGELA CARDOSO LIMA
THAÍSA CRISTINA BUENO

Expediente

Direção Editorial: Edson Rodrigues Cavalcante
Projeto Gráfico: Ana Kelma Gallas
Diagramação: Kleber Albuquerque Filho
TI Publicações OMP Books: Eliezyo Silva
Apoio Editorial: Jader de Oliveira



FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Q3m

QUEIROZ, Marta Maria Azevedo; LIMA, Nilsângela Cardoso; BUENO, Thaísa Cristina.

Mídia e Contemporaneidade: estudos transdisciplinares / Marta Maria Azevedo Queiroz, Nilsângela Cardoso Lima e Thaísa Cristina Bueno. (Orgs.). São Paulo: Lestu Publishing Company, 2022.

272 p. online. pdf.

ISBN: 978-65-996314-5-0

DOI: 10.51205/lestu.978-65-996314-5-0

1. Mídia. 2. Contemporaneidade. 3. Jornalismo. 4. Ciências da Comunicação. 5. Sociedade Midiatizada. I. Autor(a). II. Título. III. Editora.

CDD: 070.

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo: Mídia. Sociedade Midiatizada. Comunicação.



A Lestu Publishing Company é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.

LESTU PUBLISHING COMPANY

Editora, Gráfica e Consultoria Ltda
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis
Bela Vista, São Paulo, 01310-300,
Brasil.

editora@lestu.org

www.lestu.com.br

(11) 97415.4679

Imagens da obra:
Canva (Creative Commons)

Marta Maria Azevedo Queiroz
Nilsângela Cardoso Lima
Thaísa Cristina Bueno

MÍDIA E CONTEMPORANEIDADE



Todos os livros publicados pela Editora Lestu Publishing Company estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



8

Tião Macalé e o racismo recreativo: da sociedade dos meios à sociedade mediatizada

Edson Rodrigues Cavalcante e Monalisa Pontes Xavier

1 INTRODUÇÃO

Na era de ouro da televisão generalista brasileira, nos anos 70 e 80, o humorista Augusto Temístocles da Silva Costa (1926-1993) interpretava o personagem imortal “Tião Macalé”. A audiência assistia, em horário nobre, um pobre, preto e desdentado que investia em cima de mulheres brancas para formar um par sexual e romântico, o que sempre esbarrava em sua feiúra aliado ao fato de ser negro. Tião Macalé reproduzia algumas expressões faciais exageradas. Essa referência simbólica era roteiristicamente induzida para enfatizar o que para muitos era uma aparência repugnante, motivo pelo qual os telespectadores só poderiam rir de sua intenção desastrada (MO-

REIRA, 2019). Diante da constatação inevitável de que nada podia fazer, uma vez que era formidavelmente preto e impotente perante a representação hegemônica do poder branco, ele bradava em tom de protesto o bordão que tornaria a sua marca registrada: *“Ih! Nojento! Tcham!”*.

A sua carreira artística tinha começado na década de 50, quando fez parte do grupo teatral “Teatro Experimental Negro” (TEN), criado em 1944 no Rio de Janeiro, como um projeto pioneiro idealizado por Abdias Nascimento (1914-2011), que tinha como proposta inicial a valorização social das pessoas negras e da cultura afrodescendente, com intuito de criar uma nova dramaturgia que rompesse com a reprodução da estética europeizada, cuja temática repetidamente representava protagonistas brancos e serviçais negros (NASCIMENTO, 2005). O teatro brasileiro ainda era um “grande vazio” de pessoas negras e também de temas sensíveis à história da negritude, no entanto, quando eram concedidos alguns espaços cênicos para interpretação, estes giravam em torno dos velhos estereótipos advindos do rádio e também da televisão recém-inaugurada no país (TV Tupi, em 1950), ou seja, ocorria o direcionamento de atores pretos e atrizes pretas para papéis secundários e pejorativos. Quando a temática era de comédia, cabiam às pessoas negras as principais *gags*, ou tiradas cômicas, que enalteciam o atraso intelectual ou a ginga malemolente ou o culto à esperteza desonesta, que constituíam alguns estigmas - nisso não se poderia confiar no seu caráter imoral, também por ser constituído de vícios – e estereótipos que estavam e ainda estão profundamente enraizados no imaginário social brasileiro (SCHWARCZ, 1987).

No TEN, Augusto Temístocles (ainda não era conhecido como Tião Macalé) e Mercedes Batista (1921-2014) trabalharam na peça

“Rapsódia Negra”, o que possibilitou a ele uma interpretação solo de maracatu e alguns elementos do candomblé na peça posterior “Terra de Moamba” (RIO ANTIGO, 2020), o que lhe rendeu muitos elogios pela performance, no entanto isso nunca o alçou a nenhum papel principal. Apesar de sua formação teatral em uma escola que forjaria inúmeros outros atores e atrizes afrodescendentes politizados, na década de 60, Augusto Temístocles acabaria trabalhando com Ary Barroso (1903-1964), no recém-inaugurado programa Show do Gongo (TV Rio), onde ele apenas “gongava” os candidatos reprovados pela platéia. Dali para o programa “Os Trapalhões” não demoraria muito e posteriormente para o programa humorístico “Balança Mas Não Cai”, ambos da Rede Globo.

O que se tem em comum nessa trajetória, até sua morte 1993, é que ele foi prisioneiro de um personagem só, ou seja, o imortalizado Tião Macalé, um referencial transcendente dos estigmas e estereótipos que carregam as pessoas negras que fazem humor no Brasil. Assim foi para a atriz Jacyra Sampaio (1922-1998), a eterna Tia Anastácia do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que emulava com perfeição a serviçal leal e perfeita, a tia amiga e conselheira, que no livro “Caçadas de Pedrinho” de Monteiro Lobato (1882-1948) era chamada de macaca de carvão, negra beijuda e negra velha, dentre outras menções racistas (DE FIORE, 2013). Quem não riu de Jorge Lafond (1952-2003) e a sua personagem Vera Verão? Símbolo do imaginário heteronormativo estereotipado sobre gays sexualizados, travestis e pessoas negras, que no mundo virtual virou gíria e sinônimo para “bichas afetadas ou pintosas” (SIEBRA, 2005). E por último, para o ator Antônio Carlos Bernardes Gomes (1941-1994), o Mussum da trupe “Os Trapalhões”, um preto fã de cachaça e que falava “erradis” o português, que, em um quadro humorístico (imortalizado pela posteri-

dade), foi chamado de “Crioulo! Kunta Kinte¹! É urubu e não ‘avoa’!” pelo “patrão branco” Renato Aragão (CAMINHA, 2020). E nisso Mussum sempre rebatia com veemência “negro é teu passadis”, como se ali quisesse apagar e negar a sua negritude, como se, ser chamado de negro, fosse o cúmulo da ofensa.

Destarte, este trabalho parte da tese de que, apesar dos avanços históricos na conscientização sobre a Identidade Negra, os discursos racistas estão atualmente na televisão e principalmente nas Redes Sociais camuflados veladamente em microagressões, que apenas reforçam o ideário racializado de poder e superioridade das pessoas brancas. Se antes eram escancaradamente ofensivos, adquiriram novas roupagens e passaram a ser mais moderados, uma vez que as manifestações abertas de preconceito racial se tornaram ilegais e moralmente condenadas a partir da promulgação da Constituição Cidadã de 1988, que tipificou a prática do racismo como crime sujeito à pena de prisão, inafiançável e imprescritível (MOREIRA, 2019).

A partir dessa premissa, o objetivo deste artigo é avaliar se, por meio dessas práticas de racismo criativo, esses discursos ainda buscam circular velhos e novos processos de produção de subjetividades para ressignificar as pessoas negras como inferiores. Como procedimento metodológico, optou-se pela análise discursiva, uma vez que, conforme explica Koch (1996), a linguagem e o discurso têm a função de representação (e espelhamento) do mundo e do pensamento em determinada época. Para Foucault (2007 *apud* Martino, 2018), um de seus objetivos é entender como discursos produzem sentidos em um contexto social, refletindo e reelaborando, ao mes-

1 Nascido em 1750, na Gâmbia, Kunta Kinte é um guerreiro hábil, inteligente e orgulhoso. Capturado por traficantes de escravos britânicos e levado à América, ele inicia uma luta de resistência que é seguida por gerações. Foi imortalizado na série “Raízes: A Saga de uma Família Americana”, exibido pela Rede Globo na década de 70 (O NOVO, 2016).

mo tempo, concepções em circulação. Assim como várias pesquisas tem recorrido a esses conceitos, neste artigo, foram apropriados para construir um percurso teórico-metodológico que permita analisar e problematizar os processos de subjetivação do racismo estrutural em racismo recreativo na televisão e posteriormente na Internet. O *corpus* estudado compreende dois “quadros humorísticos” do programa “Os Trapalhões” - O Jornaleiro (c2018)² e Tião Macalé ([s.d.])³ - na década de 80, do século anterior, disponíveis no *youtube*. E um vídeo do programa humorístico Porta dos Fundos - Polêmica (c2020) - disponível também na mesma plataforma *youtube*, no ano de 2020.

2 APORTES TEÓRICOS

2.1 AS CAIXAS DE RESSONÂNCIA DO RACISMO-CAPITALÍSTICO

Em 1989, Leda Collor (1916-1995), mãe do então candidato à presidência da república Fernando Collor (1949-), publicou uma carta pedindo desculpas pela frase infeliz “Agora botaram até aquele preto desdentado rindo na televisão” ocorrida durante uma palestra em um evento de pré-campanha de seu filho, o que ocasionou uma onda de críticas severas entre algumas instituições de Estado e no meio jornalístico.

Em tom queixosa contra a imprensa, uma vez que a frase tinha sido “pinçada cuidadosamente” do contexto de sua fala, ela pediu desculpas ao Tião Macalé, alvo da referência racista, alegando que afinal a “ela não tinha a intenção de dizer aquilo” e que se tratava apenas de uma “brincadeira não ofensiva” sem maiores embaraços (DONA LEDA, 1989). Na semana seguinte, um comentário de uma leitora, publicado pelo jornal O Dia, reforçava as características de

2 Ano de registro do copyright no youtube, não corresponde a data exata do programa, razão do c antes do ano da referência.

3 O segundo vídeo não tem datação nem sobre o ano de veiculação na TV aberta e nem sobre o ano de registro de copyright na plataforma online.

Tião Macalé como “o nojento e o nego desdentado da televisão”. A justificativa era de que o próprio ator usava a sua condição física para fazer humor. Por último acusava os defensores de questões raciais de procurarem autopromoção (DESDENTADO, 1989).

Referências às características que buscam inferiorizar as pessoas negras não são novidades dentro do conjunto da sociedade brasileira, uma vez que são naturalizadas em toda parte como um processo culturalmente enraizado (ALMEIDA, 2019; MOREIRA, 2019; SANTOS, 1985; SCHWARCZ, 1987). Segundo Rolnik (2018), para além da formação histórica e cultural do povo brasileiro, existem “caixas de ressonância” inseridas no cotidiano para o fortalecimento dessas conversões preconceituosas, o que ela denomina como sendo uma política de subjetivação dominante e hegemônica com ecos instaurados ainda nos primórdios das práticas européias do colonialismo-capitalista⁴. Essa política apontada pela autora opera no inconsciente e tem uma base medular de articulações e formatações dispersivas, a sua base de operação está na quebra contínua da “pulsão” que conduz os povos para um “destino ético”, ou seja, busca-se criar nela a impossibilidade de dissolução de tudo que produz violência física ou simbólica contra as pessoas consideradas inferiores no meio social.

Tais ressonâncias e as sinergias que produzem criam as condições para a formação de um corpo coletivo comum cuja potência de invenção, agindo em direções singulares e variáveis, possa re-frear o poder das forças que prevalecem em outras constelações – aquelas que se compõem de

4 O colonialismo-capitalista é uma forma de imposição de autoridade de uma cultura sobre outra, no caso a colonização européia sobre os povos africanos. A forma mais popular do colonialismo ocorre por interesse do capitalismo, quando uma cultura dominante (a metrópole) explora os recursos de outros países (as colônias) para crescer economicamente (CASTRO, 2020).

corpos que tentam cafetinar a pulsão vital alheia ou que lhes proporcionam uma oportunidade de lançar-se num processo que os leve a driblar o poder do inconsciente colonial-capitalístico em suas próprias subjetividades; ou, no mínimo, de legitimar e fortalecer esse processo, caso o mesmo já esteja em andamento. (ROLNIK, 2018, p. 27-28).

Essa forma de domínio também opera na desapropriação dos impulsos do desejo, de tal maneira que busca fixar a sua direção e o seu modo de relação com o outro, reproduzindo *ad nauseam*⁵ a política de produção de subjetividade e do desejo do regime colonial-capitalista. Nessa nova versão, é da própria vida que o capital tem se apropriado, principalmente de duas potências que também existem nas “caixas de ressonância” – a força vital de criação e a força vital de cooperação – que são canalizadas para reforçar as funções, os códigos e as representações que o pensamento colonial-capitalístico explora, fazendo delas seu motor. Em consequência, nas “caixas de ressonância” – lugares de construção dessas conversões – não são conjuradas apenas como forças de subjugação baseadas no registro dos valores de troca, muito além disso, são forças tentacularmente espalhadas na cultura e nos processos de subjetivação – operando na metafísica do ser – o que lhes conferem um poder perverso com muita amplitude, mais sutilezas e muita dificuldade para o combate (GUATTARI; ROLNIK 2000 *apud* GREGGIO; DELLASTA, 2020).

Uma dessas caixas de ressonância é a televisão. Segundo Wolton (2012b), a televisão trouxe a proposta de exploração de um novo mundo tecnológico, assim como algumas certezas (e muitas dúvidas) com relação às novas e às velhas questões que sem-

5 Argumento repetitivo até provocar náuseas (nota nossa).

pre existiram diante da tríade “democracia-identidade-cidadania” na nova sociedade midiática. Ocorre a repetição das promessas em prol das mesmas perspectivas e expectativas criadas em torno das tecnologias revolucionárias que impactam a sociedade que, apesar dos grandes avanços, não parecem gerar consenso sobre o potencial que possuem para conduzir a humanidade para esse “destino ético” (WOLTON, 2012a), uma vez que se configura a impossibilidade de cumprir o vaticínio utópico de que, com mais tecnologias da informação e da comunicação, haveria mais democracia, mais identidade⁶ e mais reconhecimento de cada homem como cidadão.

Quando se incorpora o conceito de hegemonia formulado por Gramsci (1891-1937) à formulação sobre as “caixas de ressonância” da escritora e psicanalista Suely Rolnik (1948-), é possível pensar no racismo não apenas como uma construção social baseada no exercício da coerção das classes dominantes perante as classes dominadas, pode se pensar além disso, ou seja, como uma dessas caixas que, no seu intercurso sócio-histórico até o presente, foram desenvolvidas mediações, aperfeiçoadas técnicas e construídas inculcações ideológicas que naturalizaram as diferenciações entre as pessoas e forjaram o atual formato moral e cientificamente “justificado” do racismo-colonial-capitalístico (RAMOS, 2019). Para Gramsci e Coutinho (2002), o racismo faz parte do processo de hegemonia capitalista e é integrado como uma das partes articuladas de dominação, no entanto, essa integração aos processos de produção não foi pacífica, deu-se além

6 Wolton (2012b) entende que principalmente a Internet trouxe uma revolução com benefícios globais distribuídos de maneira desigual, no entanto indaga como tornar essas tecnologias mais abrangentes e acessíveis ao grande contingente humano excluído da cidadania e das esferas públicas de cada sociedade, o que permitiria visibilizar as diferentes identidades antes invisibilizadas. A identidade é um conceito que tenciona muitas discussões, pode ser entendida como um constructo resultante do atravessamento e do enlace entre fatores sociais, históricos, subjetivos e culturais.

da violência com uso de concessões para produzir consensos para com os grupos subordinados. Nesse sentido, as concessões são necessárias para que não se perca o controle das instituições, são concessões mínimas e não essenciais, já que as decisões fundamentais econômicas e políticas ficam sob o controle dos grupos hegemônicos (ALMEIDA, 2019).

Para Rolnik (2018), pensava-se que, nos anos 80, o neoliberalismo traria a globalização da democracia, a dissolução dos estados-nação e a expansão do multiculturalismo como modelo integracionista. No entanto, no panorama atual, vê-se a repetição das velhas alianças de forças hegemônicas e conservadoras, uma vez que elas compartilham dos mesmos princípios morais e dos mesmos modelos de identificação subjetiva que existem nas caixas de ressonância do colonial-capitalístico, ou seja, o entendimento de que se deve frear ao máximo às concessões aos coletivos feministas, às pessoas negras, aos homossexuais, às trans e aos indígenas, dentre outros, uma vez que isso está fragmentando a micropolítica de dominação.

2.2 A IMPRENSA, A TELEVISÃO E O PRECONCEITO RACIAL

Nesse entendimento, conforme explica Almeida (2019), o racismo é sempre estrutural, ou seja, ele é um elemento integrador da organização econômica e política da sociedade, nisso o racismo oferece a lógica, o sentido e o discurso para a reprodução em seus aparatos midiáticos. As telenovelas, principalmente nas décadas de 70 e 80, eram planetas de pessoas brancas, quase um país europeu, salpicado ali e acolá com pessoas pretas: o motorista, a cozinheira, o policial, o segurança, o pessoal da limpeza, o gari, o porteiro, dentre outros papéis secundários. Eram muito realistas no sentido de apre-

sentar de fato as profissões que as pessoas pretas tinham no mundo real, uma vez que na teledramaturgia elas não tinham famílias, não tinham qualquer noção de sentimentos ou pensamentos, eram co-adjuvantes satélites que giravam em torno da vida dos protagonistas brancos (SANTOS, 1985).

A ideologia do branqueamento era algo persistente nas produções televisivas, acima de tudo tinha assentamento na ideologia dos padrões de beleza ou do que pode ser chamado de bonito nos comerciais. Em 2014, a filósofa, escritora e ativista negra Angela Davis (1944-) apontou a falta de representatividade negra nos meios de comunicação e nos espaços de poder. Apesar de uma maioria ser mestiça, os comerciais e produtos midiáticos tinham uma representação majoritária de pessoas brancas, o que levava a crer no exterior que o Brasil era um país de maioria branca (ANGELA DAVIS, 2014).

Adentrando os programas humorísticos nesse período, observa-se também que, umas das vertentes, era justamente o entrecruzamento comparativo de estereótipos, por meio de chacotas preconceituosas, entre duas ou mais realidades sociais diferentes, no caso entre pessoas negras e brancas. O intuito era reforçar a diferenciação que as pessoas brancas sentiam em relação aqueles indivíduos considerados inferiores, juntamente com um sentimento de solidariedade e cumplicidade entre os membros desse grupo (MOREIRA, 2019). Os programas humorísticos tinham uma linha de estereótipos consagrados nacionalmente como fonte indelével de piadas explicitamente ofensivas: o negro, o nordestino, a mulher, o homossexual (SIEBRA, 2005). Existiam inúmeros desdobramentos a partir dessa linha central, o “negro-e-inferior” era um desses e muito utilizado no programa humorístico “Os Trapalhões”, não muito distante dos

demais programas televisivos que concorriam pelo mesmo público e com vertentes similares: “o Zorra Total – que agredia, predominantemente, a imagem do homossexual –; Casseta e Planeta – que reforçava, sobremaneira, o estigma a que os afrodescendentes estão submetidos na sociedade brasileira” (*Ibid*, p. 13).

Como exemplo, no programa “Os Trapalhões”, dentro da modalidade “negro-e-inferior”, existiam diversas submodalidades de estereótipos (clichês) associadas às pessoas negras: a figura do negro como “bebum”, que fazia ode ao “MÉ” como solução de todos os problemas⁷; a alusão a cor da pele⁸; agressividade gratuita⁹; o serviçal submisso; as pessoas negras dotadas de sexualidade a flor da pele e prontas para o sexo; a dupla taxonomia preconceituosa da homossexualidade; a esperteza malandra e o gingado desonesto; o negro macumbeiro, como se as religiões de matrizes africanas fossem dignas de chacota; associação ao crime e à violência, etc.

2.3 O LUGAR DE NEGRO E O LUGAR DE BRANCO NO SHOW DA EXTIMIDADE

O programa humorístico CQC (Custe o Que Custar) estreou na Band em 2008. Não demorou muito para que o telespectador brasileiro percebesse que estava diante de algo inovador e dissemelhante da linha humorística tradicional. O formato do programa, que

7 No programa “Os Trapalhões”, a menção à bebida alcoólica foi um fator recorrente, todas as personagens eventualmente vertiam um ou outro gole, porém foi Mussum que, em 99% das vezes, fez apologia à “birita” – o que ajuda a delinear a figura do negro como “bebum”. (SIEBRA, 2005, p. 66).

8 Novamente, as alusões à cor da pele, bem como à nordestinidade (26% e 24%, respectivamente) foram sempre feitas em contextos depreciativos, ressaltando os aspectos desfavoráveis de cada característica. (*Ibid*, p. 67).

9 Também foi Mussum (em 67% das vezes) quem mais protagonizou cenas de agressão física (30% no total) – estereótipo do “negão ameaçador”? –, seguido do personagem “alemão” – estereótipo nazista? –, com 33% das ocorrências. (*Ibid*, p. 68).

já fazia sucesso em outros países, conquistou a audiência pela irreverência, acidez e humor inteligente (CQC, 2008). O programa acabou em 2015, no entanto, em 2011, no quadro “O Povo Quer Saber” ocorreu uma entrevista antológica com diversos desdobramentos nas Redes Sociais e que evidenciou o preconceito ainda enraizado em grande parte da elite política do Brasil: a entrevistadora Preta Gil (1974-) perguntou ao deputado Jair Bolsonaro (1955-) qual seria sua reação se seu filho apaixonasse por uma negra, o parlamentar respondeu:

“Preta, não vou **discutir promiscuidade** com quem quer que seja. Eu não corro esse risco e meus filhos foram muito bem-educados. E não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu.” (BARROS, 2016, p. 10, grifo nosso).

O que seria uma entrevista para tirar sarro, haja vista ser notória a limitação intelectual do entrevistado e o seu vasto repertório de declarações preconceituosas, virou um receituário de microagressões, uma das características contraída pelo racismo nos últimos 50 anos. Microagressão é uma das roupagens do preconceito racial na atualidade, que, no racismo recreativo, mudou do escrachadamente ofensivo, das décadas de 70 e 80, para incorporar sutilezas, principalmente para se sobressair no tribunal inquisitivo da Internet e a clivagem da opinião pública. Trata-se de “coisas ou falas pequenas” - tais como repetição de um estereótipo impensado ou ignorar o ponto de vista de alguém repetidamente -ações que podem ser configuradas como simplórias, mas que podem marginalizar um indivíduo ou um grupo (MICROAGRESSÃO, 2016). O conceito de Microagressão de Moreira (2019) tem origem em Mbembe (2020) que menciona a

prática do nanorracismo como política estatal, juntamente com seus dispositivos jurídicos-burocráticos e institucionais, mesmo diante da sua pretensa neutralidade e imparcialidade, para ele o nanorracismo é o racismo tornado cultura, erigido como uma forma visceral invisível, mas encontrado em todas as áreas.

Dessa maneira, Moreira (2019) categoriza as microagressões em três subcampos: microassaltos, microinsultos e microinvalidações, cada um com suas características e especificidades:

O primeiro designa um ato que expressa **atitudes de desprezo ou de agressividade** de uma pessoa em relação a outra em função de seu **pertencimento social**. Isso pode ocorrer por meio de falas ou comportamentos físicos que pressupõem uma diferença de valor entre pessoas [...] Os microinsultos são formas de comunicação que demonstram de maneira expressa ou encoberta uma **ausência de sensibilidade à experiência, à tradição ou à identidade cultural de uma pessoa ou um grupo de pessoas**. Microinsultos podem ser não propositais, embora sejam manifestações de um sentimento de superioridade [...] O terceiro tipo, as microinvalidações, ocorre quando sujeitos **deixam de atribuir relevância às experiências, aos pensamentos e aos interesses de um membro específico de uma minoria**. (MOREIRA, 2019, p. 37-38, grifo nosso).

Outro aspecto na fala de Bolsonaro é que a exposição visceral de pensamentos racistas se tornou-se rara após a Constituição de 1988. Para Sibilia (2016a), na sociedade contemporânea ocorre uma crise de interioridade ocasionada pela erosão do caráter. O caráter sofre modulações que o leva a criar movimentos para fora, ou aliterdirigidos, no sentido de construir uma personalidade direcionada

a um perfil específico de público, o que propicia um espaço de fala para a construção de qualquer argumento, sem necessariamente se preocupar com o teor ofensivo ou a verdade equivalente: “essa modalidade de autoestilização, que, em vez de se assentar sobre a densa base da própria interioridade psicológica, aposta nos efeitos que é capaz de provocar nos outros que constituem a audiência” (*Ibid.*, p. 304).

A Internet constitui um espaço privilegiado nunca antes visto na história da humanidade e com um alcance de audiência inimaginável para a execução do “show do eu”. No seu âmbito ocorrem os espetáculos descartáveis da vida cotidiana – tais como os dizeres de qualquer político, mesmo aqueles que pronunciam estultices preconceituosas – que são os ingredientes necessários para atrair, gerar engajamento e seguidores (SIBILIA, 2016c), nessa situação ser excêntrico e grotesco é não sofrer a demonização do público, uma vez que a audiência aposta no inusitado para alimentar o espetáculo da extimidade (SIBILIA, 2016b).

Apesar de ser tipificado no código penal, as falas preconceituosas de Jair Bolsonaro sempre encontraram grande repercussão junto à mídia, o assunto em si não é ele, mas como ele reverbera – por meio de retóricas aleatórias de microassaltos, microinsultos e microinvalidações – o preconceito racial de parte de seu eleitorado e com isso ganha dimensão ao seu público de seguidores nas Redes Sociais. A Internet e seus canais interativos são utilizados, com graus crescentes de frequência e intensidade, para que cada um possa criar e manter um público fiel por meio da exposição de suas ideias e imagens. Isso reflete que uma parte dos brasileiros reconhece a existência do racismo estrutural, mas apenas uma minoria absoluta admite ser racista: “É uma conta que não fecha. E que diz muito sobre como

os brasileiros se posicionam no debate sobre injustiças raciais: o problema existe, mas eu não tenho nada a ver com isso” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 TIÃO MACALÉ “NOJENTO” E A CRIOLA DIFÍCIL

A primeira cena do quadro humorístico “O Jornaleiro”¹⁰ mostra Tião Macalé entrando em um restaurante lotado de pessoas brancas. Barreto (2014) menciona que o ator passou a ser chamado de Tião por causa do filme “Moleque Tião”, protagonizado por Grande Otelo (1915-1993) e ganhou o Macalé porque substituiu o cara que tocava o gongo no programa “Calouros em Desfile” de Ary Barroso (1903-1964), e assim adotou a junção Tião Macalé como nome artístico. No esquete, ele circula entre as mesas procurando um lugar para sentar-se, em poucos segundos entra um jornaleiro (Didi)¹¹ e profere uma notícia associada ao personagem negro Tião Macalé: - “Extra, extra, crioulo assaltante entra em restaurante de luxo!!”. Todos se levantam incontinentes com as mãos voltadas para cima em sinal de rendição. Abordado pelo *maître*, Tião Macalé explica que veio apenas tomar uma cerveja. Senta-se. Há um respiro de alívio geral. Posteriormente, após algumas *gags*¹² com outros coadjuvantes, Tião Macalé configura o seu objetivo naquele local: saca a arma, anuncia o assalto e atira para o alto. A polícia entra e rende o assaltante. Ao término, Didi conclama a todos a realizar um ato de reparação pela “ofensa” que Tião Macalé proferiu contra ele, ocorre então um simulacro de linchamento público com a conveniência da força policial.

10 O JORNALEIRO, [s.l.: s.n.t.], 24 fev. 2018. 1 vídeo (2 min 11s). Publicado por Rui Oliveira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Beg2-JZOdpw&ab_channel=RuiOliveira. Acesso em: 04 jun. 2021.

11 Personagem vivido pelo humorista Renato Aragão (1935-).

12 Efeito cômico que, numa representação, resulta do que o ator faz ou diz, jogando com o elemento surpresa (Nota do autor).

No esquete “Tião Macalé”¹³, ocorre uma paródia ao filme clássico “Branca de Neve e os Sete Anões”, de 1937¹⁴. Ele adentra cena acompanhado pelos sete anões que cantam a parte assobiada “*Heigh Ho*”¹⁵. A atriz negra Marina Miranda (1930-) - conhecida como a “Crioula Difícil”, par romântico de Macalé em inúmeros trabalhos artísticos na televisão - está deitada em sono profundo, ele se aproxima para dar o beijo que a libertará da maldição do sono eterno, antes desse momento fatídico, ela desperta e manda Macalé se afastar, no que justifica a embriaguez (“eu tomei foi muita cana”) para estar naquele estado de torpor. Diante da constatação da impossibilidade do final romântico, ele então finaliza com o seu bordão “Ô crioula difícil, tcham!!”.

O termo “crioulo” originalmente era utilizado como expressão linguística para se referir às pessoas negras nascidas nas Américas, diferentemente daquelas trazidas da África (REZENDE, 2013). Com o tempo, esse termo ficou muito associado a outro termo tipicamente brasileiro, ou seja, ao “preto safado”, duas terminologias ofensivas que passaram a constituir o repertório de “piadas de preto” ou piadas racistas. Nesses dois esquetes de “Os Trapalhões”, da década de 80, observa-se com clareza algumas submodalidades descritas por Siebra (2005), acrescentam-se também alguns elementos novos discutidos nos capítulos anteriores:

13 TIÃO MACALÉ e a Branca de Neve, [s.l.: s.n.t.], [s.d.]. 1 vídeo (33s). Publicado por Rui Oliveira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PZdyOI9L8D4&ab_channel=RuiOliveira. Acesso em: 04 jun. 2021.

14 BRANCA DE NEVE e os sete anões. Direção: David Hand. Produção: Walt Disney. Intérpretes: Adriana Caselotti, Harry Stockwell, Lucille La Verne, Moroni Olsen, Billy Gilbert, Pinto Colvig, Eddie Collins, Otis Harlan, Scotty Mattraw, Roy Atwell, Stuart Buchanan, dentre outros. Roteiro: Dorothy Ann Blank, Richard Creedon, Merrill De Maris, Ted Sears, Otto Englander, Earl Hurd, Dick Rickard, Webb Smith. Música: Frank Churchill. Los Angeles: Walt Disney Productions, 1937. 1 DVD (123 min), digital, ing., son., color.

15 Em tradução livre para o português: “eu vou, eu vou” (Nota do autor).

- i) A reprodução do restaurante como espaço privilegiado para circulação de pessoas da elite branca. Esse pequeno laboratório equivale ao microcosmo da realidade social brasileira em que a presença das pessoas negras representa um elemento desarmônico e desestabilizador;
- ii) A imprensa como uma “caixa de ressonância” de estereótipos racistas do colonialismo-capitalístico, em que ela reforça o modelo inconsciente de construção da subjetividade de pessoas negras (subalternas e inferiorizadas) em uma dinâmica exaustiva de inculcações ideológicas, o objetivo é vencer toda e qualquer insurgência contra o modelo hegemônico promovido e sustentado pelas pessoas brancas;
- iii) A livre associação de pessoas negras à criminalidade e à violência urbana, também a aceitação conveniente da sociedade branca para os castigos sumários de ações criminosas perpetradas por pessoas negras;
- iv) No segundo esquete, a negação da pessoa negra por outra pessoa negra, ou seja, a impossibilidade do enlace romântico entre duas pessoas pretas no amor. Em Branca de Neve há uma dimensão explícita de a felicidade ser garantida apenas às pessoas brancas, um território em que o monopólio da beleza está reservado aos estereótipos de branquitude (FANON, 2020), o que garante um caminho aberto para encontrar o par romântico;
- v) A menção à bebida alcoólica (a “cana”, a “birita” ou o “MÉ”) como uma solução recorrente aos problemas estruturais que afetam as pessoas negras e que ajuda a delinear-las como “bebuns”. O seu consumo é um elemento

eclético de prazeres, felicidade sem limites, compensações e esquecimentos, dentre outros, que podem ser associadas à desordem e a falta de uma educação formal;

- vi) Reforço da autodiscriminação por parte das minorias - decorrente da internalização de imagens negativas sobre si mesmas - visível nas referências depreciativas nos programas humorísticos nas décadas de 70 e 80.

3.2 O ANTIRRACISMO NOS PROGRAMAS HUMORÍSTICOS: A *TOKENIZAÇÃO* COMO MOVIMENTO

A partir dos anos 90, o racismo recreativo passou a ser menos ostensivo e sem menções diretamente ofensivas, uma vez que foram incorporadas sutilezas que buscavam não se caracterizar como preconceituosas para não serem enquadradas como crime de racismo. Os canais humorísticos migraram da televisão aberta para os canais pagos e posteriormente para a Rede ou canais de *streaming*. Esse frenesi tecnológico possibilitou dar voz ao humorista anônimo que repentinamente passou a ter público e a se monetizar com a sua produção artística, também permitiu voz ao preconceituoso com vazão a uma legião de seguidores. Os grandes programas humorísticos da televisão aberta passaram a ter páginas nas Redes Sociais e lá replicaram os seus quadros, concomitantemente passaram também a produzir conteúdo exclusivo para a Internet.

O programa humorístico Porta dos Fundos tinha um esquete chamado “Polêmica da Semana” em que eram debatidos assuntos polêmicos, geralmente sintonizados com os últimos acontecimentos noticiados na mídia e que se encontravam no calor do debate nacional naquele momento. Em 2019, depois de sete anos de programa no ar, diante de inúmeras reclamações de que o elenco em sua totali-

dade era formado por pessoas brancas, foi contratada a atriz Noemia Oliveira (1985-) para cumprir a cota racial do programa. Existe uma designação denominada “*tokenização*”¹⁶ – proferida pela primeira vez por Martin Luther King Jr. (1929-1968), no ano de 1962 – que conceitualmente seria um movimento de integração de pessoas negras nos espaços de trabalho ou comunitários para justificar a ausência do racismo. Desde então, uma vez “*tokenizada*”, Noemia Oliveira participaria de alguns esquetes polêmicos, em que se buscava fazer chacota de pessoas negras de maneira bastante sutil, dentre elas, as pautas reivindicatórias de direitos igualitários e o descaso com as matrizes religiosas africanas¹⁷. A sua presença tinha a finalidade de desanuviar a impressão de que o programa não praticava ou tolerava o racismo recreativo, haja vista ter uma atriz negra participando ou conduzindo uma piada de cunho racista.

Em 2020, uma das temáticas do esquete “Polêmica da Semana” visava debater justamente o racismo. Apesar da proposta ser inicialmente “séria”, isso em um programa de humor, a chamada dava a tônica do debate:

Aqui a gente busca a verdade conversando sempre com os dois lados. Direitos Humanos? Sim. Discurso de ódio, também. Afinal, muita gente diz não ser racista, mas no Ano Novo passa de branco. Enfim, a hipocrisia. De qual lado você está? (POLÊMICA, 2020).

O debate foi conduzido por um mediador que dava a voz para duas partes: a atriz Noemia Oliveira, que explicava sobre o Racismo

16 A tokenização foi tema de outro esquete do programa Porta dos Fundos (AMIGUINHO, 2015), em que é apresentada uma crítica social bem ácida sobre o mito da democracia racial no Brasil (Nota do autor).

17 Veja também AMARELO (2019).

Estrutural, e o comediante Fabio Porchat (1983-) como a outra parte (defensor da *Ku Klux Klan* e a solidão do homem branco, dentre outros despautérios), que, na sua fala inicial, menciona de maneira peremptória “a situação está preta para quem é branco”. Ele reivindica para si o direito de ser racista, usa uma extensa lista de justificativas que, se observada de perto, constitui a pauta dos movimentos antirracistas. Noemia Oliveira perplexa se recusa a promover a discussão adiante uma vez que percebe a armadilha montada na apresentação. A própria chamada, em letras garrafais, lançava dúvida sobre a neutralidade do tema: “RACISMO, VERDADE OU CINISMO?”. Há ali uma condução tendenciosa que possibilita um palanque discursivo para o racista, que é reforçada pela posição pró-racista do mediador. Por último, diante da evasão indignada de Noemia Oliveira (que sai de cena), Fabio Porchat assume o protagonismo e manda um convite a um outro debatedor defensor do nazismo.

A questão que se deixa em dúvida é se o programa Porta dos Fundos promove o *continuum* racista de décadas passadas, isso com outras roupagens? Ou se procura, por meio do humor, romper com os estigmas raciais na forma com que Tião Macalé foi representado? É possível localizar várias pistas sobre essas questões em alguns comparativos:

- i) O humor promovido pelo programa Porta dos Fundos é mais ácido e cerebral, requer da audiência um conhecimento prévio dos acontecimentos que ocupam a pauta jornalística da semana (política, social e econômica, dentre outras), assim como manter-se atualizado sobre os acontecimentos no mundo;
- ii) Contrapondo o humor visceral das décadas de 70 e 80,

em que se produzia o riso fácil a partir de situações explícitas, nesse novo humor é necessário conhecer os diversos contextos em que se movimenta a construção da piada, uma vez que ela busca não ter absorção instantânea;

- iii) Existe um movimento constante para despertar no espectador uma autocrítica: onde eu escondo o meu racismo? No humor de décadas anteriores, o intuito era retroalimentar a cadeia preconceituosa com piadas aparentemente ingênuas, mas que escondia as “caixas de ressonância” do racismo colonial-capitalista. Não se pode omitir que também existem na atualidade outras dinâmicas para o racismo recreativo;
- iv) Não existem pessoas negras feias nessa atual configuração do humor, mas representações alterdirigidas de valorização da subjetividade negra como estratégias performativas e “extimista”, com métodos comparáveis aos de uma grife pessoal identitária (SIBILIA, 2016b), que busca expor um determinado padrão de beleza comum (porém, *soft*) e conquistar seguidores;
- v) Por último, o humor abraça a causa em que “a comédia é só um jeito engraçado de falar sobre o que é sério”, ou seja, longe dos censores das décadas de 70 e 80, é necessário se discutir os problemas da atualidade e forçar as pessoas à reflexão sobre os males que atingem o Brasil e são causadores de toda sorte de infortúnios, com isso não se busca alienar ou buscar o riso fácil, mas, sobretudo, busca-se um posicionamento político.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se debruçar tão detidamente sobre três episódios humorísticos de épocas distintas (Os Trapalhões e Porta dos Fundos) foi possível observar algumas mudanças assumidas pelo Racismo Recreativo. No entanto, o que se percebe é que os mesmos elementos constitutivos permanecem, ou seja, há uma política cultural persistente que ainda utiliza o humor como veículo de representação dos problemas raciais como algo benigno e digno de gracejo. E isso não é positivo para os movimentos que reivindicam maior transparência na sociedade e que lutam diuturnamente para romper os estereótipos historicamente enraizados. Segundo Moreira (2019), o Racismo Recreativo, uma parte desdobrada do Racismo Estrutural brasileiro, possui a capacidade de mascarar a hostilidade generalizada que ainda existe contra as minorias raciais no país. Os exemplos estão em toda parte, semanalmente o noticiário apresenta eventos que evidenciam a presença persistente do preconceito racial por parte dos brasileiros, quer seja na imputação do roubo de uma bicicleta (RIANELLI; LEITÃO, 2021) ou no assassinato covarde de uma pessoa negra em uma data simbólica, o dia da Consciência Negra (CAMARGO; SPERB, 2020).

Se fosse possível traçar um arco que abrangesse os últimos cinquenta anos dos programas humorísticos da televisão brasileira e posterior esfacelamento em outras mídias, pode-se dizer que na atualidade existe uma linha tênue entre aqueles que combatem os estereótipos racistas dentro do humor e aqueles que defendem o direito à liberdade de expressão, duas cláusulas pétreas na Constituição. Essa separação ficou mais tênue a partir do último pleito eleitoral em que vários discursos de ódio se tornaram parte do debate político. Bolsonaro até arriscou uma piada microagressiva no seletor Clube

Hebraica, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em 2017. Diante de uma plateia branca, disse em tom cômico: “Fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de um bilhão por ano é gasto com eles” (VEJA, 2017). A plateia composta por judeus - povo perseguido na Segunda Guerra Mundial e que sentiram na pele as atrocidades do genocídio promovido pelos nazistas – contraditoriamente, em sua maioria, caiu em estrondosa gargalhada. Processado, a defesa de Bolsonaro alegou que ele apenas tinha usado “piadas e bom humor”, um exemplo de que talvez pouca coisa tenha mudado nesse contexto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Coordenação de Djamilia Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. (Coleção Feminismos Plurais)

AMARELO. [s.l.: s.n.t.], 05 jan. 2019. 1 vídeo (2min 35s). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zIjaip8ImHg&t=7s&ab_channel=PortadosFundos. Acesso em: 05 jul. 2021.

AMIGUINHO. [s.l.: s.n.t.], 03 out. 2015. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NxzUU-cZD1o&ab_channel=PortadosFundos. Acesso em: 25 maio 2021.

ANGELA DAVIS critica a ausência de negros no poder e na televisão no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, 25 jul. 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-07/angela-davis-critica-ausencia-de-negros-no-poder-e-na-televisao-no-brasil>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BARRETO, Juliano. **Mussum forévis**: samba, “mé” e Trapalhões. São Paulo: Editora LeYa, 2014.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 58, n. 1, p. 7-24, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

BRANCA DE NEVE e os sete anões. Direção: David Hand. Produção: Walt Disney. Intérpretes: Adriana Caselotti, Harry Stockwell, Lucille La Verne, Moroni Olsen, Billy Gilbert, Pinto Colvig, Eddie Collins, Otis Harlan, Scotty Matraw, Roy Atwell, Stuart Buchanan, dentre outros. Roteiro: Dorothy Ann Blank, Richard Creedon, Merrill De Maris, Ted Sears, Otto Englander, Earl Hurd, Dick Rickard, Webb Smith. Música: Frank Churchill. Los Angeles: Walt Disney Productions, 1937. 1 DVD (123 min), digital, ing., son., color.

CABRAL, Maria Clara; CASTRO, Cristina Moreno de. Congresso, gays e negros reagem contra declarações de deputado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 mar. 2011. Cotidiano Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3003201101.htm>. Acesso em: 11 jun. 2021.

CAMARGO, Cristina; SPERB, Paula. Homem negro morre após ser espancado por seguranças do Carrefour em Porto Alegre. **Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 100, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/homem-negro-morre-apos-ser-espancado-por-seguranças-do-carrefour-em-porto-alegre.shtml>. Acesso em: 04 jul. 2021.

CAMINHA, Marina. O humor racista midiático: as políticas da dor e do ódio como desenho risível do corpo negro. **Revista Artcultura**, v. 22, n. 41, p. 126-147, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/58647>. Acesso em: 29 maio 2021.

CASTRO, Luís Felipe Perdigão de. Colonialismo, terra e capitalismo: um breve panorama conceitual. **Revista de Ciências Humanas e Sociais Aplicada** – RCSA, Brasília, v. 1, n. 2, jul./dez., 2020. Disponível em: <http://revista.faciplac.edu.br/index.php/RECISO/article/view/735/283>. Acesso em: 9 jun. 2021.

CQC – o programa. **Band**, 2008. Disponível: <http://entretenimento.band.uol.com.br/cqc/o-programa.asp>. Acesso em: 11 jun. 2021.

DE FIORE, Ottaviano. Racismo no Sítio do Pica-Pau Amarelo? **Ponto-e-Vírgula**: Revista de Ciências Sociais, 12: p. 60-87, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/16354>. Acesso em: 29 maio 2021.

DESDENTADO. **O Dia**, Rio de Janeiro, ano 38, 04 jul. 1989. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arq_cultura&pagfis=8321. Acesso em: 28 maio 2021.

DONA LEDA disse que não queria ofender Macalé nem os negros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 61, 29 jun. 1989. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arq_cultura&pagfis=8319. Acesso em: 28 maio 2021.

FANON, Frantz. A experiência vivida do negro. In: _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 125-156.

FOLHA DE SÃO PAULO. **A branquitude e o racismo estrutural**. Entrevistada: Bianca Sant’Anna. Entrevistadora: Fernanda Mena. Edição de Som: Natália Silva. [S. l.]: Cara Pessoa, 20 nov. 2020. *Podcast*. 2020. Disponível em: <https://omny.fm/shows/cara-pessoa/a-branquitude-e-o-racismo-estrutural>. Acesso em: 20 maio 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GRAMSCI, Antônio; COUTINHO, Carlos Nelson. **Cadernos do cárcere**. v. 5. Colaboração de Luiz Sérgio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GREGGIO, Eloisa; DELLASTA, Hugo Geppe. Possíveis contribuições da cartografia ao paradigma ético-estético-político. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 19, n. 1, p. 123-134, 2020. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/1856/1467>. Acesso em: 10 dez. 2021.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-ação pela linguagem**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. 14. ed. Ilustrações de André Le Blanc. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MBEMBE, Achile. O consumo do divino. *In*: _____. **Políticas da inimizade**. Tradução Marta Lança. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2020. 50-57 p. E-book.

MICROAGRESSÃO: como funciona a discriminação sutil? **DIALOGOPSI**: Diálogo Espaço de Psicologia, Belo Horizonte, 02 jul. 2016. Disponível em: <https://dialogopsi.com.br/blog/microagressao-como-funciona/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MOLEQUE TIÃO. Direção: José Carlos Burle. Intérpretes: Grande Otelo, Custódio Mesquita, Armando Louzada, dentre outros. Rio de Janeiro: Atlântida Filmes, 1943. 1 DVD (78 min), VHS, port., son., preto e branco.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Pólen, 2019. 175 p. (Coleção Feminismos Plurais)

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Revista de Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, São Paulo, p. 209-224, 2005. DOI: 10.1590/S0103-40142004000100019. Acesso em: 29 maio 2021.

O JORNALEIRO, [s.l.: s.n.t.], 24 fev. 2018. 1 vídeo (2 min 11s). Publicado por Rui Oliveira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Beg2-JZOdpw&ab_channel=RuiOliveira. Acesso em: 04 jun. 2021.

O NOVO Kunta Kinte. **Revista Isto É**. 14 nov. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-novo-kunta-kinte/>. Acesso em: 30 maio 2021.

POLÊMICA da semana. [s.l.: s.n.t.], 24 ago. 2020. 1 vídeo (3min 39s). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E90pluaeHkU&t=20s&ab_channel=PortadosFundosPortadosFundosVerificado. Acesso em: 25 maio 2021.

RAMOS, Marcelo Henrique Bezerra. Racismo e supremacia como forma de hegemonia: diálogos entre Gramsci e a crítica da questão racial em uma perspectiva histórica. *In*: 30º Congresso Nacional de História, Recife, 2019. **Anais...** Recife: ANPUH Brasil - Associação Nacional de História, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565300050_ARQUIVO_artigoanpuh.pdf. Acesso em: 23 jun. 2021.

REZENDE, Rodrigo Castro. **Crioulos e crioulizações em Minas Gerais**: designações de cor e etnicidades nas Minas sete e oitocentista. Orientadora: Profa. Dra. Mariza de Carvalho Soares. 2013. 406 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2013. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/218>. Acesso em: 02 jul. 2021.

RIANELLI, Erick; LEITÃO, Leslie. Homem branco é preso por suspeita de furtar bicicleta elétrica que motivou abordagem a jovem negro no Rio. **Portal Geledés**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/homem-branco-e-preso-por-suspeita-de-furtar-bicicleta-eletrica-que-motivou-abordagem-a-jovem-negro-no-rio/>. Acesso em: 04 jul.2021.

RIO ANTIGO. **Tião Macalé e Mercedes Batista, em 1952**. Rio de Janeiro, 3 maio 2020. Twitter: @ORioAntigo. Disponível em: <https://twitter.com/orioantigo/status/1256809016212291585>. Acesso em: 29 maio 2021.

ROLNIK, Suely. O inconsciente colonial capitalístico. *In*: _____. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018. p.14-27. *E-book*.

SANTOS, José Rufino dos. **O que é racismo?** 9. ed. São Paulo Brasileira, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SIBILIA, P. Eu, eu, eu... você e todos nós. *In*: _____. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2016a. p. 7-28. *E-book*.

SIBILIA, P. Eu personagem e o pânico da solidão. *In*: _____. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2016b. p. 309-344. *E-book*.

SIBILIA, P. Eu espetacular e a gestão de si como uma marca. *In*: _____. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2016c. p. 345-356. *E-book*.

SIEBRA, Gilca Bezerra Alves. **Estereótipos na programação televisiva**

infantil: a trapalhada de Os Trapalhões. Orientador: Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira. 2005. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/gilca_siebra.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

TIÃO MACALÉ e a Branca de Neve, [s.l.: s.n.t.], [s.d.]. 1 vídeo (33s). Publicado por Rui Oliveira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PZdyOI9L8D4&ab_channel=RuiOliveira. Acesso em: 04 jun. 2021.

VEJA. **Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica**. São Paulo, 06 abr. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>. Acesso em: 04 jul. 2021.

WOLTON, D. A comunicação no coração da modernidade. *In*: _____. **Internet, e depois?** uma teoria crítica das novas mídias. Tradução Isabel Crossetti. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012a. p. 29-58.

WOLTON, D. As novas tecnologias, o indivíduo e a sociedade. *In*: _____. **Internet, e depois?** uma teoria crítica das novas mídias. Tradução Isabel Crossetti. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012b. p. 81-115.

Autoria

Edson Rodrigues Cavalcante

Graduado em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo – USP. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Castelo Branco – UCB RJ. Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: eds_caval@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-0277-8022.

Monalisa Pontes Xavier

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2014) - UNISINOS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. E-mail: monalisapx@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-3655-5142.